

Várias são as perspectivas teóricas em função das quais se vem pensando a subjetividade contemporânea. Nessa difícil empreitada encontram-se filósofos, psicanalistas, psicólogos, lingüistas, cientistas sociais e políticos, comunicólogos e, não menos envolvidos, inúmeros artistas.

Todo esse empenho e investimento não deixa dúvida quanto à importância do tema e à urgência de nossa época em buscar se instrumentalizar frente à própria constituição disso a que se chama o sujeito humano. Depois de tantas experiências de organização do campo social e da elaboração do espaço político que, historicamente, temos tido mundo afora, não nos é mais possível, em absoluto, secundarizar tal questão juntamente com toda a amplitude de idéias e de práticas que se constitui com e a partir dela. Trata-se precisamente da qualidade de nossas vidas.

O livro "Cartografia Sentimental" — transformações contemporâneas do desejo, de Suely Rolnik, coloca-nos e desenvolve essa problemática com uma estratégia e em meio a uma articulação teórica bastante particulares. Suely é psicanalista e também doutora em Psicologia Social, além de fazer suas incursões pela filosofia. A resultante disso é um trabalho cuja maior maestria está precisamente em saber utilizar todas as matérias de expressão que advêm dessas áreas do conhecimento, de modo a servir-se delas na constituição de seu próprio pensar. Nisso se compõe sua estratégia: uma escrita que flui tal qual a proposta de pensamento que articula — cartograficamente. Lembremos que o cartografar se define por "um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem" (pág. 15).

O cartógrafo, a antropofagia e a psicanálise

Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo, Suely Rolnik, Estação Liberdade, 1989. 304 páginas.

A subjetividade contemporânea é, pois, entendida pela autora enquanto derivada de um processo de produção cujo elemento impulsionador é o desejo e movimentação; desejo como "produção de universos psicossociais" e enquanto "uma dimensão do poder" que constrói "técnicas de subjetivação" (pág. 287). Desse modo, Suely Rolnik lança-se no campo da micropolítica enunciada por Gilles Deleuze e Félix Guattari.

O texto é composto de duas partes. Na primeira, a autora oferece-nos em detalhes, e concomitantemente, tanto seu entendimento a respeito do que seja o desejo, como desenha o "perfil de um cartógrafo para atualidade" (pág.21). Sendo a tarefa cartográfica justamente a de se deparar com o movimento e expressá-lo e, sendo essa própria tarefa movimento, o cartógrafo é aquele que tem que estar impescindivelmente "mergulhado nas intensidades de seu tempo" (pág. 16) e, de modo extramoral, "devorar", fazer uso de toda linguagem que encontrar. O cartógrafo é aquele que quer se "envolver com a constituição de amálgamas de corpo-e-lingua. Constituição de realidade" (pág. 291); é aquele que abarca muito da antropofagia e da psicanálise — aliado com a receptividade de Oswald de Andrade às matérias de produção e expressão da vida e herdeiro da sensibilidade de Freud ao inconsciente.

Assim, através da apresentação de cenas cotidianas a respeito de encontros e desencontros amorosos, a autora vai desenrolando os fios que, em movimentos, forjam, a tessitura da subjetividade atual. Movimentos por vezes visíveis e nomeados, mas que em sua maioria são da ordem do invisível e do indizível e portanto, demandam táticas especiais a fim de que possam ser detectados, nomeados e apropriados.

O estilo é narrativo. O período de atenção é aquele que se delinea entre os anos 60 e 80. Os personagens são figuras que transitam pelas américas, mas que, sobretudo, tiveram e têm que se haver com o peso do "velho mundo" e com a velocidade de um "mundo novo". Precisamente, trata-se de certos arranjos da subjetividade no Brasil da América.

Além do cartógrafo, Suely fala-nos das suas/nossas "noivinhas" — personagens femininas escolhidas especialmente por serem a encarnação mais radical dos processos que culminaram, contemporaneamente, nas desmontagens e remontagens relativas dos espaços vividos por todos: homens e mulheres. E lá vão as noivinhas, seguidas de perto pelo cartógrafo. Curiosos composto.

Já na segunda parte do livro, a atenção está centrada muito mais no fazer a cartografia desses movimentos encontrados na primeira parte. Interessa o como e o para que dos acontecimentos e de suas repercussões nas dinâmicas desejantes. Nessas páginas a autora pretende expressar uma biografia da geração "que teve sua primeira experiência coletiva intensa nos anos 60" (pág. 289).

É a partir disso que surge propriamente a cartografia sentimental, onde sentimental está totalmente associado e derivado da idéia espinozista de afecção dos corpos, de corpos que afetam e são afetados numa ciranda produtora de marcas, de efeitos. Cartografar é então "a audição das intensidades, a vibração dos fluxos: no corpo.

Registro daquilo que se passou no invisível — o que não é feito de imagens, que não pode ter testemunha ocular —, e que nem por isso é menos presente e violento do que o que se passou no visível. (...) História invisível, ou melhor, geografia. (...) trata-se de um mergulho nas intensidades do passado para ressignificá-las no presente" (págs. 289 e 290).

Talvez à composição final da cartografia dessa subjetividade brasileira do período proposto, possa ser atribuído um certo "plus" de otimismo. Talvez ainda esse mesmo "plus" de otimismo possa ser reconhecido apenas como um excesso necessário ao cartógrafo daquele momento. Afinal, o que importa mesmo — parece-me — é que mulheres e homens, brasileiros ou não, podemos também usufruir, sem qualquer preconceito, dessa matéria textual para, quem sabe, compor outros sentimentos que nos auxiliem em nossas cartografias prementes deste final de século. A oportunidade que no livro a nós se oferece é, sem dúvida, muitíssimo generosa.

Mara Selaibe

Psicanalista, aluna do curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e Mestre em Psicologia Social